

Teoria, ontologia, história – diferenciar entre complementares

Theory, ontology, history – differentiating between complementaries

Réplica de Luiz Claudio Martino aos comentários de Ramon Queiroz Marlet

Luiz Claudio Martino

<http://orcid.org/0000-0003-0209-8024>
luizmartino@gmail.com

Professor Titular da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília e Pesquisador Associado do CRICIS/UQÀM, Montreal. Doutor em Ciências Sociais (Sorbonne-Paris V, 1997), Mestre em Psicologia (FGV/UFRJ, 1992) e em Comunicação (UFRJ, 1992). Entre suas obras estão: *Escritos sobre Epistemologia da Comunicação* (2017), *Meios de Comunicação como Simulações Tecnológicas* (2016), “Perspectives Critiques et Épistémologie de la Communication: le rôle central du débat sur la technologie” (Mare et Martin, 2014). “Considerações sobre a Explicação em Comunicação” (Edufba, 2013). “O Mito da Interdisciplinaridade” (com K. Boaventura, *E-Compós*, 2013). “Philosophie de la Technique et Technologies de la Communication” (P.U. du Québec, 2012). “Temps, essence des moyens de communication” (MSHA, Bordeaux 2011).

<http://lattes.cnpq.br/9545839725442236>

O relato de Ramon, pelo qual agradeço, traz uma interessante interlocução amparada em biografia pertinente e atualizada. A análise aí desenvolvida se apoia na obra de Kuhn e em autores mais recentes, de nosso campo. Lang (2013), por exemplo, fala de “crise paradigmática no campo da comunicação” e pressupõe um paradigma dominante, que estaria sendo deixado para trás, sobretudo em função do aparecimento dos novos meios digitais. De minha parte acredito que a noção de paradigma dominante não é tão clara quanto aparenta e teríamos resultados muito diferentes não apenas se tensionarmos sua definição, mas principalmente na percepção de qual dos vários paradigmas atuais seria o dominante. Esta resposta pode variar muito segundo o

lugar e a quem a pergunta é colocada, razão pela qual optamos por discutir, no texto que apresentamos ao GT, os conceitos de comunicação, as definições do processo e não dos paradigmas. Entendemos que o conceito nos remete ao elemento mais básico da teoria, enquanto a noção de paradigma necessariamente se encontra no plano metateórico e necessita de um trabalho de interpretação para que seja explicitado.

Mas os comentários que mais nos chamam a atenção são os que se apoiam no texto de Georgette Wang, que traz em seu título o problema da ontologia. Se tanto Wang como eu tomamos a discussão ontológica como um ponto relevante, aparecem divergências quanto ao papel da ontologia em relação ao problema central da epistemologia da Comunicação. Wang defende a necessidade de uma mudança de paradigma nos estudos de meios de comunicação devido à falha do “paradigma dominante”; sua intenção é substituir o dualismo cartesiano por outra concepção metafísica, a qual chama de *ontologia dinâmica*. Meu artigo, de outra parte, defende uma relação mais complexa com a teoria; não considera a teoria como uma simples derivação do posicionamento metafísico e, conseqüentemente, não investe em proposições ontológicas, mas na explicitação da diferença entre teoria e metafísica (e, depois, entre teoria e história, sem perder de vista a relação de complementaridade destas três entradas). Dito de outro modo, acredito que os problemas teóricos devam ser tratados no plano epistemológico e não em formulações ontológicas.

Em termos muito breves, a teoria se funda na epistemologia, que nada tem a ver com uma postura dogmática; ela se caracteriza por posicionamentos hipotéticos dentro de um sistema de posicionamentos que não é o mesmo tipo de fundamentação da verdade filosófica.

Compreender o que diferencia a teoria da metafísica, o modo particular como busca fundamentar-se e a relação que estabelece entre pensamento e real, constituem pontos decisivos para aqueles que lidam com teoria.

Frequentemente, os conceitos de comunicação que encontramos na literatura especializada são respostas *ad hoc*, que atendem as necessidades de pesquisas específicas. A tentativa de superar esta visão pontual e fragmentária tem levado a adotar conceitos metafísicos e, de outra parte, à importação de conceitos advindos de epistemologias de outras disciplinas (sociologia, psicologia, ciências políticas...). A ideia de uma disciplina interdisciplinar, que é invocada desde o início dos anos 60, tem desestimulado a questão da epistemologia de nossa área de estudos.

Embora proponha uma abordagem pouco explorada, Wang aceita e segue a linha do pensamento corrente de enfrentamento de um suposto pensamento dominante, cujas características são descritas como linear, mecânico, estático, que, segundo ela, acarretaria uma visão muito parcial do processo comunicacional, um instante do que na verdade seria um processo. Ela se junta a outras vozes que apontam o mediocentrismo e o determinismo tecnológico como obstáculos epistemológicos, defendendo que seriam derivados da posição ontológica dualista que denuncia. Como muitos outros, sua análise epistemológica se ampara em um diagnóstico que simplifica excessivamente o problema.

Mas as posições de Wang interessam não somente pelo contraste que podem fornecer em relação ao papel da metafísica como obstáculo à epistemologia da comunicação; elas são um exemplo da pouca familiaridade de nossa área com as questões epistemológicas da história. A compreensão de Wang não é explícita; aliás, é significativo que o termo história nem seja empregado, mas, como em outros pontos, ela segue as ideias correntes em nossa área, algo como a aceleração da história:

O dia de 24 horas era uma unidade de análise temporal muito grande para capturar variações fugazes no processo de comunicação. Essa tendência de desenvolvimento é teórica e metodologicamente significativa. Como agora as mudanças estão ocorrendo a cada minuto, representar a “agenda” é como atirar em um alvo em movimento (Wang, 2018, p. 10).

Para a autora, a observação de que o tempo passa mais rápido exigiria um novo paradigma teórico. De certo modo, isso parece evidente, mas de outro lado deveria vir articulado às implicações que acarreta no conceito de história. Os impactos dos meios de comunicação sobre o processo histórico têm sido discutidos ao longo do século XX e não se resumem a apenas este aspecto de unidade temporal.

De um lado, esta afirmação supõe o efeito das tecnologias digitais, particularmente a internet, o que nos leva a um “determinismo tecnológico” que a autora critica; de outro lado, a focalização em um tempo rápido, contado em minutos, faz desaparecer os processos de longa duração. Ou seja, a história é substituída pelo imediato. Tal ponto de vista, como já defendemos em outros artigos, parece-nos ser o sintoma de uma *episteme* (as condições concretas relativas a certa matriz de conhecimento) que designamos como *atualidade mediática*.

Em suma, a atividade mediática tem um impacto na construção da realidade social, assim como na produção do conhecimento. Nossa discussão sobre o conceito de comunicação, as dificuldades relativas a ligá-lo a um domínio do conhecimento e, portanto, a refletir e fornecer uma epistemologia à Comunicação me parecem estreitamente ligadas à pouca compreensão das tensões entre história e ciências sociais e da especificidade da teoria frente à ontologia. O não investimento neste aspecto do regime mediático que vivemos impede de explorar, de um ponto de vista comunicacional, a alteração da noção de realidade e nossa relação com a história.

Então, se a história confere propriedades particulares ao processo de comunicação – não se trata de uma essência humana –, em contrapartida, também é possível ver a influência dos meios de comunicação sobre a história. Nosso artigo defende que a articulação destas duas dimensões se mostra capital para a superação de certos impasses da epistemologia da comunicação.

Referências

- LANG, A. 2013. Discipline in Crisis? The Shifting Paradigm of Mass Communication Research. *Communication Theory*, **23**(1):10-24.
- WANG, Georgette. 2018. Media Communication Research in the Digital Era: Moving Beyond Ontological Dualism. *Communication Theory*, **28**:235-253.